

Preste atenção. O Santuário dos Redentores no Penhasco de Shotover deve seu nome a uma grande mentira, pois há pouca redenção naquele lugar e ele tampouco serve de refúgio divino. A região à sua volta é coberta de arbustos rasteiros e vegetação mirrada e você mal consegue notar a diferença entre verão e inverno, o que quer dizer que faz sempre um frio de rachar a qualquer época do ano. É possível ver o Santuário propriamente dito a quilômetros de distância — quando não está encoberto por uma neblina imunda, o que é raro —, com sua estrutura de sílex, concreto e farinha de arroz. A farinha deixa o concreto mais duro do que pedra, e esse é um dos motivos que possibilitaram à prisão — pois é isso que ele é na verdade — resistir às várias tentativas de conquista, agora consideradas tão inúteis que há centenas de anos ninguém tenta tomar o Santuário de Shotover.

Trata-se de um lugar fedorento e asqueroso ao qual somente os Lordes Redentores vão por livre e espontânea vontade. Quem seriam seus prisioneiros, então? Essa, na realidade, é a palavra errada para os que são levados para Shotover, pois sugere a existência de um crime, e nenhum deles transgrediu qualquer lei feita por Deus ou pelos homens. Eles também são diferentes de qualquer prisioneiro que você tenha visto antes: somente garotos com menos de 10 anos são levados para lá. Dependendo da idade em que entram, podem demorar mais de 15 anos para sair e, mesmo assim, apenas metade deles chega a tanto. A outra metade é despachada dentro de sacos azuis para ser enterrada em Ginky's Field, um cemitério que começa atrás dos muros. O cemitério é amplo, estendendo-se a perder de vista, o que talvez possa lhe dar uma ideia do tamanho de Shotover e de como é difícil simplesmente continuar vivo ali. Ninguém conhece toda a sua geografia e é tão fácil se perder em meio aos seus corredores intermináveis e sinuosos quanto em um deserto. Isso é agravado pelo fato de não haver mudança na paisagem — cada lugar é praticamente idêntico ao outro: marrom, escuro, sinistro e com cheiro de coisa velha e rançosa.

Parado em um desses corredores, um garoto olha pela janela, segurando um saco azul-escuro grande. Tem algo entre 14 ou 15 anos de idade. Nem ele nem ninguém sabe ao certo. Já não recorda como se chama de verdade, pois todos os que chegam ali são rebatizados com o nome de um dos mártires dos Lordes Redentores — que são muitos, uma vez que, desde tempos imemoriais,

todos os que eles não conseguiram converter os odeiam profundamente. O menino que olha pela janela se chama Thomas Cale, embora ninguém jamais use seu primeiro nome e ele esteja cometendo um pecado gravíssimo por fazê-lo.

O que o atraiu para a janela foi o som do Portão Noroeste rangendo como sempre rangia nas raras vezes em que era aberto, como o gemido de um gigante com os joelhos terrivelmente doloridos. Ele ficou olhando enquanto dois Lordes com suas batinas negras atravessavam o portal, conduzindo um garotinho de cerca de 8 anos seguido por outro um pouco mais jovem e por um terceiro. Cale contou vinte ao todo antes que outra dupla de Redentores chegasse por último e o portão novamente se fechasse, lenta e artriticamente.

A expressão de Cale mudou à medida que ele se inclinava para a frente, tentando enxergar as Terras Crestadas que se estendiam para além do portão que se fechava. Ele havia estado do lado de fora dos muros apenas seis vezes desde que chegara ali, mais de uma década atrás — a criança mais jovem já trazida para o Santuário, pelo que diziam. Nas seis, tinha sido protegido como se as vidas dos guardas dependessem disso (o que era verdade). Se tivesse fracassado em algum desses seis testes — pois eles não eram outra coisa —, teria sido morto no ato. Da sua vida pregressa, Cale não tinha lembrança.

Quando o portão se fechou, ele tornou a focar sua atenção nos meninos. Nenhum deles era gorducho, mas tinham os rostos arredondados de crianças pequenas. Todos ficaram de olhos arregalados ao verem a fortaleza, com seu tamanho descomunal e muros enormes. No entanto, embora estivessem perplexos e intimidados pela simples estranheza do ambiente, não sentiam medo. O peito de Cale se encheu de emoções profundas e estranhas que ele não conseguia nomear. Contudo, por mais que estivesse entregue a elas, sua habilidade de manter uma orelha em pé para qualquer coisa que acontecesse ao seu redor o salvou, como tantas vezes no passado.

Ele se afastou da janela e desceu o corredor.

— Você! Espere!

Cale parou e deu meia-volta. Um dos Redentores, enorme de gordo, com dobras de pele pendendo sobre o colarinho, estava parado em um dos portais ao longo do corredor. Vapores e sons estranhos saíam do aposento às suas costas. Cale olhou para ele, sua expressão inalterada.

— Venha cá e deixe-me ver seu rosto.

O menino andou na direção dele.

— Ah, é você — disse o Redentor gordo. — O que está fazendo aqui?

— O Lorde Disciplinador me mandou levar isto até o tímpano. — Ele ergueu o saco azul que estava carregando.

— O que você disse? Fale pra fora!

É claro que Cale sabia que o Redentor gordo era surdo de um ouvido e falara baixinho de propósito.

Cale repetiu a frase, desta vez gritando a plenos pulmões.

— Está dando uma de engraçadinho, menino?

— Não, Redentor.

— O que você estava fazendo na janela?

— Na janela?

— Não pense que eu sou idiota. O que estava fazendo?

— Eu ouvi o Portão Noroeste sendo aberto.

— É mesmo, por Deus?

Isso pareceu distraí-lo.

— Estão adiantados — resmungou ele, contrariado, virando-se e olhando de volta para a cozinha, pois era isto que era o gordo: o Lorde dos Víveres, supervisor da cozinha que alimentava com fartura os Redentores e mal dava de comer aos meninos. — Temos mais vinte para jantar — gritou para a fumaça malcheirosa às suas costas. Ele se voltou para Cale.

— Você estava pensando enquanto estava naquela janela?

— Não, Redentor.

— Estava sonhando acordado?

— Não, Redentor.

— Se pegar você vadiando novamente, Cale, eu vou arrancar seu couro. Entendido?

— Sim, Redentor.

O Lorde dos Víveres se virou para entrar na cozinha e começou a fechar a porta. Ao mesmo tempo, Cale falou baixinho, porém muito claramente, de modo que qualquer pessoa sem problemas de audição poderia ter ouvido:

— Morra engasgado, seu *dritsek* cheio de banha.

O Redentor bateu a porta e Cale voltou a descer o corredor, arrastando o saco grande atrás de si. Levou quase 15 minutos, correndo por boa parte do caminho, até chegar ao tímpano, localizado ao final de um pequeno corredor à parte. Ele era chamado assim porque parecia mesmo um tímpano, desconsiderando-se o fato de ter 1,80m de altura e estar embutido em uma parede de tijolos. Do outro lado dele, havia um ambiente isolado do restante do Santuário onde, segundo boatos, viviam 12 freiras que cozinhavam somente para os Redentores e lavavam suas roupas. Cale não sabia o que era uma freira e nunca tinha visto nenhuma, embora de vez em quando falasse com uma delas através do tímpano. Ele não sabia o que diferenciava as freiras das outras

mulheres, das quais raramente se falava e, mesmo assim, sempre com repulsa. Havia duas exceções: a Irmã Sagrada do Redentor Enforcado e a Santa Imelda Lambertini que, aos 11 anos de idade, havia morrido de êxtase durante sua primeira comunhão. Os Redentores não explicavam o que significava êxtase e ninguém era idiota de perguntar. Cale rodou o tímpano, que girou sobre o próprio eixo, revelando uma grande abertura. Ele largou o saco azul lá dentro e o rodou novamente. Então, bateu na sua parede, fazendo-o ressoar com força. Aguardou trinta segundos e então uma voz abafada falou do outro lado da parede.

— O que foi?

Cale aproximou a cabeça do tímpano para ser ouvido, seus lábios quase tocando a parede.

— O Redentor Bosco quer este aqui de volta amanhã de manhã — gritou ele.

— Por que não veio com os outros?

— Como você quer que eu saiba?

Ouviu-se um grito agudo e abafado de raiva vindo do outro lado do tímpano.

— Qual o seu nome, fedelho herege?

— Dominic Savio — mentiu Cale.

— Bem, Dominic Savio, eu vou denunciar você ao Lorde Disciplinador e ele vai tirar o seu couro.

— Estou pouco me lixando.

Vinte minutos depois, Cale estava de volta à sala de treinamento do Lorde da Guerra. Ela estava vazia, com exceção do próprio Lorde, que não ergueu os olhos ou deu qualquer sinal de ter visto Cale. Ele continuou escrevendo em seu livro-razão por mais cinco minutos antes de falar, com os olhos ainda baixados.

— Por que você demorou tanto?

— O Lorde dos Víveres me parou no corredor da ala externa.

— Por quê?

— Acho que ele ouviu um barulho lá fora.

— Que barulho? — perguntou o Lorde da Guerra, olhando finalmente para Cale. Seus olhos eram de um azul-claro, quase cristalino, mas afiados. Não deixavam muita coisa passar. Ou nada.

— O Portão Noroeste estava sendo aberto para a entrada dos novatos. Ele não esperava que fossem chegar hoje. Me parece que ficou de ovo virado.

— Controle sua língua — disse o Lorde da Guerra, embora tenha falado com brandura, considerando a rispidez habitual. Cale sabia que ele detestava o Lorde dos Víveres e, por isso mesmo, achava menos perigoso se referir a um Redentor naqueles termos.

— Eu perguntei ao seu amigo sobre o boato de que eles haviam chegado — disse o Redentor.

— Eu não tenho amigos — respondeu Cale. — É proibido.

O Lorde da Guerra deu uma risadinha; um som nada agradável.

— Você não me preocupa nesse sentido, Cale. Mas, já que precisa ser difícil: o loiro magricela. Como vocês o chamam?

— Henri.

— Eu sei o nome de batismo dele. Mas vocês lhe deram um apelido.

— Nós o chamamos de Henri Embromador.

O Lorde da Guerra riu, porém, desta vez podia se ouvir o eco de um bom humor normal.

— Muito bem — disse ele, satisfeito. — Eu lhe perguntei a que horas os novatos chegariam e ele disse que não sabia ao certo, em algum momento entre as oito e as nove badaladas. Então, quis saber quantos viriam e ele respondeu por volta de 15, talvez mais. — Ele fitou dentro dos olhos de Cale. — Eu lhe dei uma surra para ele aprender a ser mais específico da próxima vez. O que você acha disso?

— Não faz diferença para mim, Redentor — respondeu friamente Cale. — Ele mereceu qualquer castigo que o senhor tenha aplicado.

— É mesmo? Que gratificante você pensar dessa forma. A que horas eles chegaram?

— Pouco antes das cinco.

— Quantos?

— Vinte.

— De que idade?

— Nenhum com menos de 7 e nenhum com mais de 9.

— De que raças?

— Quatro mezos, quatro uitlanders, três folders, cinco mestiços, três miamis e um que não consegui identificar.

O Lorde da Guerra grunhiu como se estivesse apenas ligeiramente satisfeito que todas as suas perguntas tivessem sido respondidas com tanta precisão.

— Vá até a mesa. Preparei um enigma para você. Dez minutos.

Cale se encaminhou para um mesa grande, de 6 x 6 metros, sobre a qual o Lorde da Guerra havia desenrolado um mapa que caía um pouco pelas

beiradas. Era fácil reconhecer algumas das coisas desenhadas nele — colinas, rios, florestas —, porém, no restante do espaço, havia diversos bloquinhos de madeira com números e hieróglifos escritos, alguns em ordem e outros aparentemente misturados. Cale analisou o mapa pelo tempo que lhe foi concedido, erguendo os olhos em seguida.

— E então? — disse o Lorde da Guerra.

Cale começou a montar sua solução.

Vinte minutos depois havia acabado, suas mãos ainda estendidas diante do corpo.

— Muito engenhoso. Impressionante, até — disse o Lorde da Guerra. Algo mudou nos olhos de Cale. Então, com uma velocidade extraordinária, o Redentor açoitou a mão esquerda do menino com um cinto de couro salpicado de tachinhas minúsculas, porém grossas.

Cale se encolheu e seus dentes trincaram de dor. No entanto, logo seu rosto retornou à frieza vigilante habitual, a única coisa que o Redentor via nele ultimamente. O Lorde da Guerra se sentou, analisando o menino como se ele fosse um objeto ao mesmo tempo interessante e insatisfatório.

— Quando você vai aprender que fazer a coisa mais inteligente, mais original, significa apenas estar à mercê do seu próprio orgulho? Essa solução pode funcionar, porém, é arriscada demais. Você conhece muito bem a solução consagrada para este problema. Na guerra, uma vitória insossa é sempre melhor do que uma vitória brilhante. Já está na hora de você começar a entender por quê.

Ele esmurrou a mesa, furioso.

— Você se esqueceu que um Redentor tem o direito de matar no ato qualquer menino que faça algo de inesperado?

Ouviram-se outros estrondos quando ele esmurrou a mesa novamente, levantando-se e fuzilando Cale com o olhar. Um pouco de sangue pingava dos quatro buracos na mão esquerda ainda estendida do menino.

— Nenhum dos outros o trataria com tanta condescendência quanto eu. O Lorde Disciplinador está de olho em você. De tempos em tempos, ele gosta de dar um exemplo. Você quer terminar como um Ato de Fé?

Cale ficou olhando para a frente, sem dizer uma palavra.

— Responda!

— Não, senhor.

— Você se acha importante, seu Zed inútil?

— Não, senhor.

— É minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa — disse o Lorde da Guerra, batendo três vezes no peito com a mão. — Você tem 24 ho-

ras para refletir sobre seus pecados e então irá se humilhar perante o Lorde Disciplinador.

— Sim, Redentor.

— Agora saia daqui.

Largando as mãos dos lados do corpo, Cale deu meia-volta e andou até a porta.

— Não sangue no tapete — falou o Lorde da Guerra enquanto ele ia embora.

Sozinho no seu cubículo, o Redentor ficou observando a porta se fechar. Quando ouviu o clique do trinco, a raiva mal contida em seu rosto se transformou em curiosidade reflexiva.

No corredor, Cale ficou parado por um instante sob a luz marrom tenebrosa que infestava todas as partes do Santuário e examinou sua mão esquerda. As feridas não eram profundas porque as tachas no cinto eram feitas para causar dor intensa sem que os machucados demorassem a sarar. Ele cerrou a mão em um punho e a apertou; à medida que o sangue pingava em gotas pesadas no chão, sua cabeça tremia como se um pequeno terremoto estivesse acontecendo no fundo do seu crânio. Então, relaxou a mão e, sob a luz sinistra, uma expressão de desespero atroz atravessou seu rosto. No instante seguinte ela havia desaparecido e Cale continuou descendo o corredor, sumindo de vista.

Nenhum dos meninos no Santuário sabia quantos iguais a eles havia ali. Alguns diziam que o número chegava a 10 mil e crescia a cada mês. Mesmo entre os que beiravam os 20 anos de idade, havia um consenso que, antes dos últimos cinco anos, o número, fosse ele qual fosse, permanecera constante. No entanto, desde então ele vinha crescendo. Os Redentores haviam mudado sua maneira de agir, o que por si só era estranho, além de mau sinal: velhos hábitos e conformidade com o passado eram para eles tão naturais quanto o ar que se respira. Cada dia deveria ser como o dia seguinte e cada mês como o mês seguinte. Um ano jamais deveria ser diferente do outro. Contudo, o aumento significativo no número de meninos exigia mudanças. Os dormitórios tinham sido reformados com beliches de dois e até mesmo três catres para acomodar os recém-chegados. Os cultos divinos eram realizados por escalas, de modo que todos pudessem rezar e receber os conselhos contra a danação todos os dias. Também as refeições passaram a ser feitas em turnos. Porém, os meninos não faziam ideia dos motivos por trás dessas mudanças.

Cale, com a mão esquerda envolvida em um pedaço de linho sujo que os lavadores de pratos haviam jogado fora, atravessou o refeitório imenso para

a segunda refeição do dia carregando uma bandeja de madeira. Atrasado, mas não muito — caso contrário teria sido surrado e expulso dali —, ele seguiu em direção à mesa grande no fim do salão, onde sempre comia. Parou atrás de outro menino, aproximadamente da mesma idade e altura que ele, mas tão concentrado em comer que não percebeu Cale em pé às suas costas. Só se deu conta quando viu que os outros meninos à mesa estavam com as cabeças levantadas. Ele ergueu os olhos.

— Desculpe, Cale — disse ele, empurrando os restos de comida para dentro da boca ao mesmo tempo que saía de trás do banco e se apressava em ir embora, carregando sua bandeja.

Cale se sentou, olhando para o seu jantar: havia algo nele que parecia uma salsicha, mas não era, coberto por um molho aguado junto com algum tubérculo indeterminável, embranquecido após ferver eternamente em uma papa amarelada e anêmica. Em uma tigela ao lado daquilo, havia mingau — gelatinoso, frio e cinza como neve derretida de uma semana atrás. Por um instante, apesar de faminto, ele não conseguiu se forçar a comer. Então alguém abriu caminho aos empurrões até o assento ao seu lado. Cale não olhou para o menino, mas começou a atacar a comida. Somente depois de uma pequena mordida com o canto da boca ele descobriu o que era aquela coisa nojenta.

O menino que se acotovelara para sentar ao seu lado começou a falar, mas com uma voz tão baixa que somente Cale conseguia ouvir. Não era prudente ser pego conversando com outro menino durante as refeições.

— Eu descobri uma coisa — disse o menino, a empolgação clara na sua voz, embora ela fosse quase inaudível.

— Bom para você — respondeu Cale com frieza.

— Uma coisa maravilhosa.

Desta vez, Cale não demonstrou reação alguma, concentrando-se em mandar o mingau goela abaixo sem ter engulhos. O menino fez uma pausa.

— Eu encontrei comida. Do tipo que dá pra comer. — Cale mal ergueu a cabeça, mas isso bastou para que o menino ao seu lado soubesse que tinha vencido.

— Por que eu deveria acreditar em você?

— Henri Embromador estava comigo. Nos encontre às sete atrás do Redentor Enforcado.

Com essas palavras, o menino se levantou e foi embora. Cale ergueu a cabeça e uma expressão estranha de anseio tomou conta do seu rosto, tão diferente da máscara fria que ele geralmente mostrava para o mundo que o menino sentado à sua frente o encarou.

— Você quer isso, não quer? — disse o menino, seus olhos brilhando de esperança como se a salsicha rançosa e o mingau verde-esbranquiçado oferecessem mais prazer do que a mente de Cale era capaz de vislumbrar.

Cale não respondeu ou olhou para o menino, mas voltou a comer, forçando-se a engolir e tentando não passar mal.

Quando terminou, ele levou a bandeja de madeira ao lavadouro e a esfregou na bacia com areia, devolvendo-a à sua prateleira. Enquanto saía, observado por um Redentor sentado em uma cadeira alta imensa da qual podia inspecionar o refeitório, Cale se ajoelhou diante da estátua do Redentor Enforcado, bateu três vezes no peito e murmurou: “Eu sou um Pecado, eu sou um Pecado, eu sou um Pecado”, sem dar a menor atenção ao significado dessas palavras.

Estava escuro lá fora, e a neblina noturna havia descido sobre o Santuário. Isso era bom; seria mais fácil para Cale passar despercebido pelo púlpito até os arbustos que cresciam atrás da grande estátua.

Quando chegou ali, Cale já não conseguia enxergar nem 5 metros diante do seu nariz. Ele desceu do púlpito até o caminho de cascalhos diante da estátua.

Aquele era o maior de todos os cadafalsos sagrados do Santuário, sendo que provavelmente havia centenas deles, alguns de não mais que poucos centímetros, pregados às paredes, montados em nichos, decorando as tinas de cinzas sagradas ao final de cada corredor e nos vãos que encimavam cada porta. Eles eram tão comuns e tão comentados que a imagem em si há muito perdera qualquer sentido. Ninguém, exceto pelos novatos, chegavam a notá-la pelo que era de fato: a representação de um homem pendurado numa forca com uma corda em volta do pescoço, seu corpo riscado pelas cicatrizes das torturas que antecederam a execução, suas pernas quebradas pendendo em um ângulo estranho no ar. Os cadafalsos sagrados do Redentor Enforcado feitos na época da fundação do Santuário, mil anos antes, eram toscos e tendiam a um realismo explícito: um terror nos olhos e no rosto, apesar da falta de habilidade do escultor; o corpo retorcido e devastado, a língua saltando da boca. Essa, segundo os escultores, era uma maneira terrível de se morrer. Com o passar dos anos, as estátuas se tornaram mais requintadas, mas também mais insossas. A grande estátua, com suas forcas imensas, sua corda grossa e o messias de 6 metros de altura suspenso na ponta dela tinha apenas 30 anos de idade: os vincos nas suas costas eram salientes, porém, limpos e sem sangue. Suas pernas não estavam esmagadas de forma aflitiva, mas posicionadas como se ele estivesse sentindo câimbras. Contudo, o mais estranho era a expressão no seu rosto — em vez da dor do estrangulamento, ele transmitia uma espécie de santidade incomodada,

como se um ossinho estivesse preso na sua garganta e ele estivesse tentando soltá-lo com uma tosse discreta.

No entanto, em meio à neblina e à escuridão daquela noite, a única coisa que Cale conseguia ver do Redentor eram os seus pés enormes suspensos na névoa branca. A estranheza daquilo o deixou apreensivo. Tomando cuidado para não fazer barulho, Cale se embrenhou nos arbustos que o ocultariam de qualquer um que passasse por ali.

— Cale?

— Sou eu.

Kleist, o menino do refeitório, e Henri Embromador surgiram de dentro dos arbustos à sua frente.

— É melhor que isso valha a pena o risco, Henri — sussurrou Cale.

— Vale sim, Cale. Eu prometo.

Kleist gesticulou para Cale, chamando-o para entrar nos arbustos. Estava mais escuro ainda ali e Cale teve que esperar seus olhos se ajustarem. Os outros dois aguardaram. Então, uma porta surgiu diante deles.

Isso era espantoso — embora houvesse muitos portais no Santuário, quase não havia portas. Durante a Grande Reforma de duzentos anos atrás, mais da metade dos Redentores foi queimada na fogueira por heresia. Temendo que os apóstatas pudessem ter contaminado seus meninos, a seita vitoriosa dos Redentores os degolou para não correr nenhum risco. Uma vez reabastecidos de novos jovens, os Redentores fizeram muitas mudanças, e uma delas foi retirar todas as portas de qualquer parte do Santuário em que houvesse garotos.

Afinal, de que servem as portas onde existem pecadores? Portas escondem as coisas. Elas possibilitam vários comportamentos diabólicos, decidiram os Redentores, como guardar segredos e ficar sozinho ou na companhia de terceiros aprontando sabe-se lá o quê. O próprio conceito por trás de uma porta, pensando melhor, começou a fazê-los tremer de raiva e medo. Até o diabo já não era representado apenas como uma besta com chifres, mas também, e quase com a mesma frequência, como um retângulo dotado de uma fechadura. É claro que essa antipatia em relação às portas não se aplicava aos próprios Redentores: a presença de uma delas em seus locais de trabalho e nos cubículos em que dormiam era, por si só, um sinal de redenção. Para eles, a santidade era medida pelo número de chaves que lhes era permitido carregar na corrente em volta da cintura. Se você tilintasse ao caminhar, seu lugar no céu já estava garantido.

É por isso que a descoberta de uma porta desconhecida era algo extraordinário.

À medida que seus olhos se habituavam à escuridão, Cale conseguia ver uma pilha de reboco despedaçado e tijolos esfarelados ao lado da porta.

— Eu estava me escondendo de Chetnik — disse Henri Embromador. — Foi assim que achei este lugar. O reboco estava soltando naquele canto, então eu fui mexer nele enquanto esperava. Estava caindo aos pedaços de tão infiltrado. Não demorou nada pra sair.

Cale estendeu o braço em direção à beirada da porta e a empurrou com cuidado. Então a empurrou novamente. E novamente.

— Está trancada.

Kleist e Henri Embromador sorriram. O primeiro enfiou a mão no bolso e retirou algo que Cale nunca tinha visto aos cuidados de um menino — uma chave. Àquela altura, os olhos dos três estavam brilhando de entusiasmo. Kleist colocou a chave na fechadura e a girou, grunhindo por conta do esforço. Então, com um barulho surdo, ela se moveu.

— A gente passou três dias enchendo essa porta de graxa e tudo o mais para ela abrir — disse Henri Embromador, sua voz cheia de orgulho.

— Onde vocês conseguiram a chave? — perguntou Cale. Kleist e Henri Embromador estavam adorando o fato de Cale estar falando com eles como se tivessem ressuscitado os mortos ou caminhado sobre as águas.

— Eu conto depois que a gente entrar. Venham. — Kleist encostou o ombro na porta e os outros dois fizeram o mesmo. — Não empurrem com muita força, as dobradiças podem estar enferrujadas. Não queremos fazer barulho. Vou contar até três. — Ele fez uma pausa. — Preparados? Um, dois, três.

Eles empurraram e, com um rangido, a porta se moveu. Os três recuaram, sobressaltados. Ser ouvido era o mesmo que ser pego, e ser pego era o mesmo que sofrer só Deus sabia o quê.

— Nós podemos ser enforcados por isso — disse Cale. Os outros dois o encararam.

— Eles não fariam uma coisa dessas. Não um enforcamento. — falou Henri Embromador.

— O Lorde da Guerra me disse que o Disciplinador estava procurando uma desculpa para dar um exemplo. Já faz cinco anos desde o último enforcamento.

— Eles não fariam uma coisa dessas — repetiu Henri, chocado.

— Fariam, sim. Pelo amor de Deus, isto é uma *porta*. Vocês estão com uma *chave*. — Cale se voltou para Kleist. — Você mentiu para mim. Não faz a menor ideia do que tem aí dentro. É provavelmente um beco sem saída, sem

nada que valha a pena roubar e nada que valha a pena saber. — Ele se virou para encarar o outro menino. — Isso não vale o risco, Henri, mas o pescoço é seu. Eu estou fora.

Assim que ele começou a dar meia-volta, uma voz chamou do púlpito, irritada e impaciente.

— Quem está aí? Que barulho é esse?

Então, eles ouviram o som de um homem pisoteando o caminho de cascalhos em frente ao Redentor Enforcado.